

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Anho.....	85000	Trimestre.....	28000
Semestre.....	15800	Semestre.....	48000
Trimestre.....		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capas: O CÃO E O GATO — **Textos:** SER MINISTRO!, 7 illust. — NO MUNDO DIPLOMATICO: UM CASAMENTO ELEGANTE, 26 illust. — O CÃO E O GATO, 24 illust. — COMO LISBOA RECEBEU FILIPPE II, 6 illust. — A CERAMICA PORTUGUEZA, 7 illust. — O PRIMEIRO DE MAIO, 7 illust. — AS INSCRIPÇÕES INDIANAS DE GINTRA, 3 illust. — VIDA RURAL, 12 illust. — A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO, 13 illust. — VIDA MILITAR, 9 illust. — OS AZULEJOS DE JORGE COLAÇO, 5 illust. — A ESQUADRA INGLEZA EM LAGOS, 3 illust.

Violet SABÃO REAL
DE THRIDACE
PARIS Sabão "Vélocité"
SABÃO para o banho e higiene da Pele e Alívio de Dores

PRINCIA NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, 8° des Italiens. PARIS

Comprem as
Sedas Suissas

Peçam as amostras das
nossas sedas, novidades de
primavera e de verão para
vestidos e blusas:

*Echizen, taffetas de lustro,
Louisine* para de dia, *Mussoline*
130 cm. de largura de fr. 1.25
o metro, em preto, branco, lizo e
phantasia, assim como blusas e
vestidos em batiste bordado.

Vendem-se as nossas sedas garan-
tidas solidas directamente aos par-
ticulares e franco de porte ao do-
mício.

Schweizer & C.^a
LUCERNE Z. 19 (SUISSA)
Exportação de sedas

Vende-se em todas as relojoarias de 12 horas



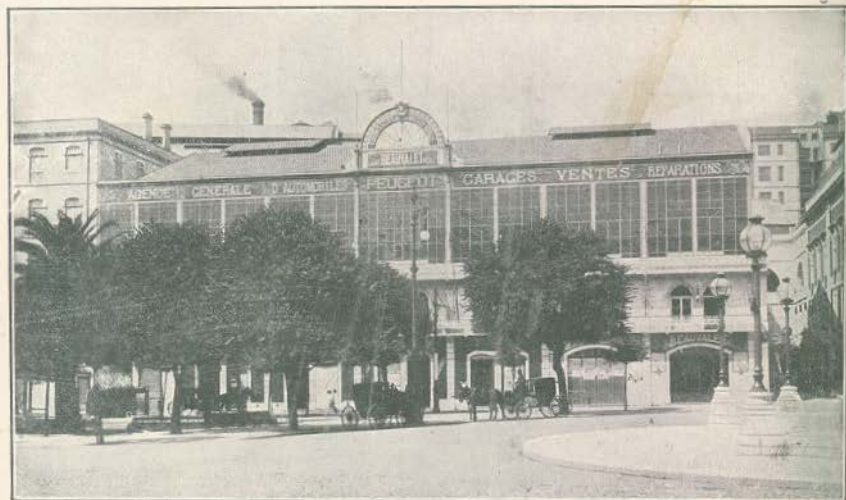
O passado, presente e futuro revelado pela mais celebrada
chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard.



Diz o passado e o presente e prevê
futuro, com veracidade e rapidez: é incom-
paravel em vaticínios. Pelo estudo que fez das
ciencias, chiromancias, phrenologia e psy-
chognomonia e pelas applicações praticas das
theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lam-
broze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem
percorrido as principaes cidades da Europa
e America, onde foi admirada pelos numero-
sos clientes da mais alta cathetoria. A quem
predisse a queda do Imperio e todos os ac-
tecimentos que se lhe seguiram. Fala portu-
guez, francez, inglez, allemão, italiano e hes-
panhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã as 4 da no-
ite, em seu gabinete, 43, rua de Carmo, sobre-
loja. Consultas a 4\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOYELS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata
e Sobretintado (Thomar),
Penedo e Casal d'Herminio (Couta), Valle Mayor
(Albergaria a Velha.)

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 278
Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

REDAÇÕES TELEGRAPHICAS: Lisboa, Companhia Prado
Prado - Porto - Lisboa ao numero TELEPHONICO 508

UNION MARITIME E MANNHEIN

Companhia de seguros postacs, maritimos e de transportes
De qualquer natureza

A Companhia La Union y el Fenix, Española, rua da Pra-
ta, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias
condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para
o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.^a

RUA DA PRATA, 59, 1.º - Lisboa

Agencia em Paris: Camille Lipman, 23, Rue Vivienne

Companhia de Papel do Prado

Ser ministro!

CITA-SE com frequencia o caso d'aquelle menino que, saindo da sua terra para cursar os primeiros estudos secundarios na cidade, e interrogado sobre o modo de vida que desejava escolher, respondeu com toda a semcerimonia:

—Quero ser presidente do conselho.

A tradição affirma que, effectivamente, elle chegou a isso e a muito mais, — a presidente de conselho e a conselheiro de Estado, a dirigente de partido e a dirigente de povos.

A anedota vale como symptoma da força de vontade auxiliada pela sorte. A primeira pode existir com toda a sua vigorosa audacia; mas sem a segunda é que não ha exemplo de se ter chegado a ser algum n'este triste mundo de desenganos.

Vejam os senhores a *sorte grande*. Anda um cavalleiro toda a vida a comprar cautelas e bilhetes, a construir castellos, a sonhar riquezas, a dispôr hypotheticamente de uma fortuna que só depende de duas pequeninas bolas rolando lentamente dentro de duas esferas douradas; e vae *el gordo*, — zás! — entra de roldão pela porta dentro do visinho do lado.

A gente consola-se de que tambem ao senhor D. João VI a sorte era adversa; este teve, porém, a idéa original... e cara de comprar a loteria inteira para



O novo ministro dos estrangeiros entrando para a carruagem



No *mentidero* politico

cedem velas á Virgem para que os fados lh'es corram propicios; outros entram nos gremios catholicos, assignam folhas conservadoras, odeiam a revolução, vão á missa todos os domingos e confessam-se uma vez por semana: — d'este modo julgam aliciar mais probabilidades a seu favor, tendo por si o Céu e a Ordem. Mas os que nunca pensaram

ter a consolação de lhe chegar um dia a vez d'esse alegrão monumental.

Ha pessoas muito tementes a Deus que ac

que a sua personalidade poderia interessar algum dia e que um vento de sorte atira imprevisadamente para as mais incongruentes e inesperadas posições?...

Ser ministro!

Já se viu um avarento odiar o ouro? O sol deixar de aquecer? O mar não ser salgado? Nunca se deu este phenomeno. Pois, meninos, ainda ninguem foi preso para ministro. Por maior que seja a reluctancia de uma pessoa intelligente e honesta — e não se pode negar nenhuma d'estas qualidades aos novos ministros da fazenda e dos estrangeiros — em acceptar a



O novo ministro da fazenda apeando-se do seu trem





alta missão de confiança, como se diz em linguagem publica officiai, a tentação dá vertigens que fazem perder completamente a noção da grande responsabilidade em que se incorre sobraçando uma pasta de ministro.

O' pasta adorada...
.....
Vaes ser conservada,
Qual mimo de amor!

Conservada é um delicioso euphemismo para illusão dos incautos; porque, quando menos se espera, vem jo mergulho, — o salto de prancha,



Os commentarios da concentração liberal

de cabeça para baixo, com todos os engulhos inherentes ao empurrão.

Diz um dictado que *enquanto o pan vae e vem folgam as costas*. Pois não houve um ministro...

Era um ratão que andava ha um bom par de annos á cata de uma pasta. Vinha da sua terra, nos confins de uma provincia remota, e installava-se em Lisboa mezes inteiros e na arcada do ministerio do reino horas interminaveis. Cumprimentava toda a gente, discutia politica, promettia mundos e fundos a quem o ajudasse a *levar aquella cruz ao Calvario*.

Um bello dia é eleito deputado; ninguem sabe de que lado da camara o illustre parlamentar se sentará.

— O' F... você é ministerial?

Elle respondia com um sorriso enigmatico.

— E' da opposição?

A mesma mysteriosa e indecifrável expressão phsygnomica. Até que d'uma vez se chegou á fala intima com um collega que habitava com elle no mesmo hotel, e lhe desfechou esta sublime explicação:

— Meu amigo, eu sou correligionario de todos os governos: — só assim se chega a alguma coisa n'este paiz.

— Ah! está a razão porque você nunca escolheu logar na camara...

— Por isso e por outro motivo ainda; porque parar é morrer, como dizia o outro...

Dá-se uma crise ministerial. Alguns *reporters* dão a noticia de que o sr. F... está indigado para entrar na recomposição. F... corre a casa do chefe do governo.

— Venho pôr-me á disposição de v. ex.*

O chefe engole duas vezes em secco: nunca lhe passará pela cabeça que aquelle homem pudesse ser seu collega nos conselhos da corôa.

— Muito obrigado, meu caro amigo, mas o ministerio está demissionario!

— Mas eu julguei que era uma simples recomposição...

O presidente do conselho explica-lhe as difficuldades que encontrou para um accordo com os marechães do seu partido. O illustre deputado rapa então do cerebro esta idéa luminosa:

— Bem. N'esse caso v. ex.* poderia fazer-me um favor...

— Diga, diga...

— Era apresentar a El-Rei a demissão do ministerio depois d'amanhã, escolhendo-me primeiro para uma das pastas, que ninguem já quer.

— Mas...

— Já sei o que v. ex.* me vae objectar. Já sei. E' que eu não me importo de ser ministro só um dia: assim fico sendo... ministro de Estado honorario!



O novo ministro da justiça



Uma cavaqueira franquista



Novos ministros? Já não vou hoje para Setubal
(Chichés de Beaulieu)



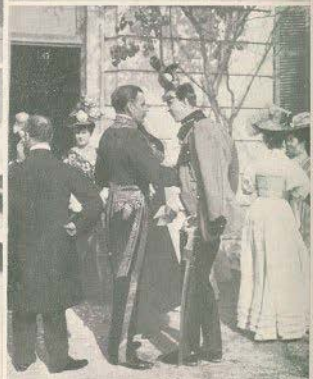
NÓ MUNDO DIPLOMÁTICO

UM CASAMENTO ELEGANTE



DEPOIS DO CASAMENTO

O sr. conde Constantin Deym, secretario da legação da Austria, e madame Deym, sobrinha da sr.^a condessa de Macoriges



O sr. marquez de Soveral e o sr. Morales de los Rios, saindo da igreja dos Martyres—A' porta da igreja dos Martyres esperando a saída dos noivos—No jardim do palacio da legação da Austria-Hungria: Encarregado dos negocios da China; o sr. Eduardo Mozer; Madame Sarah Hamilton Fialho, ministra do Brazil; o ministro do Brazil, sr. dr. Alberto Fialho; Mademoiselle Mozer—Na legação: D. Guadalupe de Castro, mademoiselle Mozer, mademoiselle Morales de los Rios, Marquês Souza Holstein, D. Juan de Castro—Na legação: Conde de S. Luiz, ministro hespanhol, D. Luiz Verda, madame Verda (Burnay), ministro do Brazil —Na legação: Ministro do Brazil, Barão de Colaço e Macnamara, D. Marianna Vilhena (Galveias), ministra do Brazil
Os noivos saindo da igreja dos Martyres—O sr. ba.ão de Fallon felicita o noivo



O sr. marquez de Soveral e o sr. conde de S. Luiz—O sr. ministro da Austria chamando a sua carruagem—Saindo dos Martyres —Grupo dos noivos, padrinhos, madrinha e nuncio apostolico, monsenhor Fonti, nos jardins da legação—O sr. Page Brian, ministro da America, a sr.ª ministra do Brasil—O sr. conselheiro Luciano Monteiro, ministro dos estrangeiros com o sr. barão de S. Pedro—O sr. Wimmer, consul de Austria, com sua esposa

(Clichés de Benoit)

O CÃO E O GATO



A actriz Jesuina

O grande compositor Haydn foi um improvisador sublime de coisas alegres. Sentado ao cravo, com a sua bella ca-

saca verde e a sua cabelleira de canudos, deixava correr os dedos pelo marfim; e a musica espalhava-se facil, pimpante, fresca e

cordeal. Os outros instrumentos calavam-se, emquanto o pianista continuava, sem canção, a sua corrida em pleno céo da phantasia, até ao momento em que, assentando os dedos com mais força, annunciava o desfecho do trecho musical.

— Meu caro Haydn, dizia-lhe o principe Esterhazy, quer ter a bondade de me repetir esse *andante* delicioso?

— Fal-o-hia com o maior prazer, meu principe, replicava Haydn rindo, mas já o esqueci... Vou tocar-lhe outro.

E era, de novo, mais uma obra prima que se erguia dos seus dedos maravilhosos.

Assim é o riso, assim é a farça, — improvisada n'um minuto, passageira, ligeira, alada, fugidia, tal como os auctores do *Cão e o Gato*, essa hilariante comedia representada no Gymnasio, a conceberam e apresentaram ao publico. É lançado o riso, a gargalhada estufiante, elles procurarão já, na qufetação do seu gabinete, inventar outra, que será, como as pequenas obras-primas de Haydn, nova revelação do seu espirito alegre.

Emquanto as lagrimas são o escoadouro natural de toda a tensão emocional, o riso, que tem a sua sede nas vibrações nervosas, é facilmente provocado á mais pequena descentralisação da emotividade.

La martine, deante da belleza serena de um vasto lago suisso, não achou senão estas palavras para exprimir o seu extase:



O actor Valle

Répand ce dernier fond de toute âme: une larme!

As lagrimas passaram sempre por uma manifestação mais elevada de sensibilidade que o riso. O Evangelho diz-nos que Jesus verteu lagrimas; não nos diz, porém, que elle tenha rido nas bodas de Chanaan.

Mas sejam as lagrimas mais ou menos nobres do que o riso, certo é que ellas occupam na vida humana, segundo um physiologista inglez, um logar muito maior.

Isto, porém, como toda a regra geral, tem a sua excepção. Ah! está, por exem-



— Ah! patifes! ...



plo, aquelle caso citado ha pouco em todos os jornaes inglezes, de uma rapariguinha de Manchester ter rido oito horas consecutivas, ás gargalhadas, só por ouvir uma phrase engraçada da bocca da sua modista.

A menina, que era por temperamento uma melancolica, tinha o *spleen* tão peculiar a todos os inglezes que vivem sob o céu nevoento e sombrio do seu paiz. Nada havia que a demovesse do seu sério; dir-se-hia um cypreste lacrymante plantado n'um viçoso e luxu-

«Estes bichinhos não tem de comer?»

sob o céu nevoento e sombrio do seu paiz. Nada havia que a demovesse do seu sério; dir-se-hia um cypreste lacrymante plantado n'um viçoso e luxu-



«Você vem cá por causa do cão ou por causa do gato?»

riante jardim de rosas. Mas encomenda uma *toilette*, vai á prova; e como a costureira, inconscientemente, tivesse pronunciado uma phrase que aos ouvidos da donzella pareceu a quinta essencia da graça, ella ahí desata a rir, a rir,



Ernesto Rodrigues, um dos auctores do *Cão e o Gato*

como se todos os seus nervos vibrassem de cegas. Foi um castigo para a fazer voltar ao seu sério costumado!



— Isto é um assumpto que interessa a todos tres...

— A ambas e duas?...



— O cãozinho que entrou para aqui pertence a V. Ex.ª?

Mas assim como se citam a gravel casos de sensibilidade extrema pelo riso, tambem as lagrimas tem dado origem a muitos factos dignos de menção. E não se estranhe que nós emparelhemos as duas sen-



Era assim d'este tamanho...

— O gato?...

— O cão...

sações tão oppostas; ellas são, porém, os dois polos essenciaes da vida.

Pessoas ha, — muito raras, felizmente, — que em seguida a um grande infortunio cho-



Accácio de Paiva, um dos auctores do *Cão e o Gato*

ram continuamente, sem interrupção. Houve um homem que chorou emquanto conservou o uso

da razão, depois de ter perdido para sempre uma pessoa querida. Um dia, porém, cahiu no aniquilamento eterno, turvou-se-lhe o cerebro — e para sempre se lhe cerrou a fonte luminosa das lagrimas, que são as ondas do sentimento.



«O' Thimoteo, que dizes tu a esta belleza?...»

com a voz embargada pelos soluços que perdera uma moeda de cinco tostões que a sua mãe lhe confiara para ir fazer compras. Receava, ao chegar a casa, ser castigada severamente pelo seu pouco cuidado.

Um actor, muito afamado pela sinceridade com que chorava em scena, assegurou um dia n'uma roda de amigos que, sempre que queria derramar lagrimas, lhe bastava recordar-se do seu fallecido pae, a quem amava ternamente: — o pranto rompia-lhe dos olhos copiosamente, como cataractas.

Nós proprios assistimos uma vez n'uma cidade da provincia ao caso de uma pobre rapariga dos seus dez annos, que em plena rua se debulhava em lagrimas, que lhe corriam em grossas bagas pelas faces.

Os que passavam, paravam apiedados em volta d'ella. Interrogada sobre a causa de um desespero tão lancinante, a pequena referiu da morte de um filho, que elle, ao chegar a casa, ser castigada severamente pelo seu pouco cuidado.



«Assassino!... Mata gatos!...»

Os espectadores, condoidos, quotisaram-se e reuniram a importancia que a creança perdera. Esta retirou-se, já risonha e satisfeita, depois de ter agradecido effusivamente e beijado as mãos a alguns dos circumstantes.

Uma hora depois, tendo nós passado por outra rua da cidade, não nos lembrando já da scena presenciada pouco tempo antes, encontrámos a mesma rapariga representando a mesma comedia com uma arte perfectissima de simulação.

Vista bem de perto, com a attenção mais apurada de quem dá por um logro e o analisa, vimos com surpresa que a creança chorava lagrimas verdadeiras, que lhe desluzavam em fio, amarguradas e silenciosas como a expressão da verdadeira dôr...



Priminha: o coração é um órgão...

A mesma facilidade com que se chora é a mesma facilidade com que se ri. E explica-se o phenomeno pelo facto de que, quanto mais intensas são as vibrações nervosas, tanto mais singelamente a menor diversão pode deslocar o centro emocional.

Um homem profundamente afflicto que assistia aos funeraes de uma pessoa querida não pôde verter uma unica lagrima, só porque a oração funebre pronunciada á beira da sepultura do morto fôra de um ridiculo pavoroso.

Refere-se ainda o episodio de um assiduo frequentador de theatro que chorava sempre que ouvia a Rachel ingleza, miss Silwons; mas, como uma vez tivesse esquecido o lenço de assoar, teve a surpresa de não derramar uma unica lagrima.

A impressão sensível d'este cidadão londrino media-se, pois, pelas suas providencias ou pelos seus esquecimentos.

E' para combater uma sensibilidade lacrimal exagerada que se recommenda á humanidade a recreação do espirito; e nenhum mais adequado e desopilante que a comedia burlesca de Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues, a que o Valle e o Joaquim d'Almeida, o Cardoso, o Telmo, o Alegrim e o Machado, a Barbara e as duas Jesuinas dão um relevo comico de uma exuberancia tão hilariante.

Recommenda-a como um tonico indispensavel para o espirito annuiado e dever irreductivel do chronista imparcial:—ella é o riso, a gargalhada, o destapar de todas as valvulas da alegria, a fonte aurea de todos os prazeres e de todos os contentamentos, alguma coisa como uma perenne cornucopia de felicidades entornada sobre as almas atribuladas.

Ridendo castigat mores, dizia o famoso latino. N'este *Cão e o gato* não se corrigem os costumes mas attenuam-se todos os males da humanidade.



Não está completo...

(Clichés da photographia Vasques)

COMO LISBOA RECEBEU FILIPPE

No anno de 1619 um acontecimento notavel veiu alvoroçar a nossa pacata população, quebrando a habitual monotonia do seu viver. Ainda mal apagada, na imaginação dos leaes portuguezes, a rememoração do inicio do jugo de Castella, a patria de Alfonso de Albuquerque rasgou as vestes heroicas legadas por seus maiores e entregou-se ao singular prazer, após 38 annos de já bem pronunciada oppressão, de abrir os seus braços para estreitar n'elles o filho do monarcha usurpador que, *como bom principe, queria mais de perto observar os rogos dos seus subditos.*

Triumphal foi, sem duvida, essa digressão dando a Filippe II proporcionado ensejo de admirar as festas brillantes que pelo seu

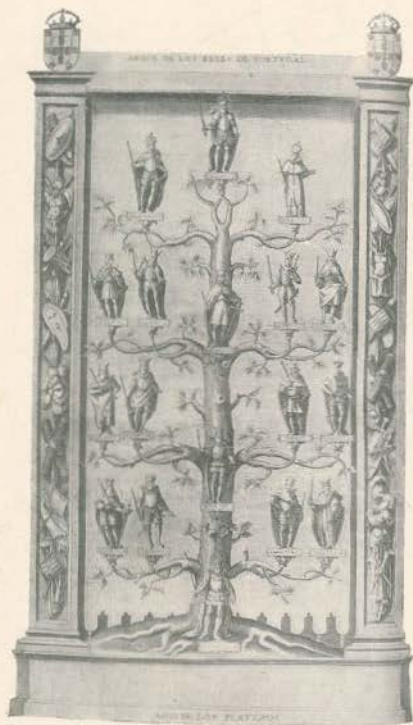


Portugal se faziam à proporção que *Sua Real Magestade* tocava em diferentes pontos do paiz. Nada faltou para fazer resaltar a sumptuosidade dos festejos; desde a graciosa *offerta de pucaros de variad* e *invenções* que a villa de Estremoz lhe fez pela mão de seu juiz, até aos complicados e riquissimos arcos de triumpho que a velha Ulyseia levantou à sua passagem, tudo enfim concorreu para que a grandiosidade do momento correspondesse com eloquencia á soberba envergadura de principe tão poderoso.

Passando sob a porta de Olivença fez o monarcha a sua entrada na historica cidade de Elvas. Um arco monumental commemorava a sua visita, destacando-se entre va-



Vista geral de Lisboa em 1610



Arco dos Prateiros

rios symbolos uma figura armada, representando Portugal, e que tinha entre as mãos um coração com esta divisa em latim — *Com ambas as mãos vos offereço o coração!* — D'este modo, rescendendo carinho, a celica cidade de Elvas abria com chave de ouro a serie de manifestações de regosijo com que o paiz recebeu um monarcha intruso. Filippe II seguiu então para Estremoz, d'aqui para Evora onde se demorou uns dias, e para que os folguedos com que os habitantes d'esta terra o receberam se completassem a primor, celebrou-se um *auto de fé* a que o rei hespanhol assistiu e em que havia 124 penitenciados, dos quaes foram queimados 4 homens e 8 mulheres. Pernoitando em Montemor, dirigiu-se a régia comitiva a Almada, onde o Duque de Aveiro com seus dois filhos o Duque de Torres Novas e D. Afonso de Lencastre vieram propositadamente de Setubal beijar a mão a Sua Magestade, que os *recebeu de barrete, paços e cadeiras com almofadas de celludo*, mandando a D. Afonso que *se cubrisse*. A estada do monarcha em Almada coincidiu com a precissão do Corpo de Deus, que, com desusada impoenencia, se fazia outr'ora em Lisboa. Guardando o mais rigoroso incognito, vieram o Rei e os Principes seus filhos á capital, a bordo d'um bergantim opulento de ornamentações, admirando das *varandas da Rua Nova* o cortejo religioso de grande solemnidade, pois que só a irmandade do Sacramento, de capas verme-

llhas, contava mais de tres mil pessoas! Permanecendo alguns dias em Almada, Filippe II entrou oficialmente em Lisboa no dia 29 de junho do já citado anno de 1649, tendo partido de Belem para onde havia ido de Almada. A quella terra haviam apreado no dia 22 treze gales, em uma das quaes embarcou com destino a Lisboa. Esta embarcação estava ornamentada com 60 galiardetes, tantos quantos os remos, e estes como aquella eram dourados até meio. Interiormente o navio tinha preciosos lavores em nogueira, ebano e prata.

No momento da chegada das naus o aspecto do rio coalhado de embarcações era um mixto do imponente e curioso! Todos os barcos á vela estavam embanleirados, com *trombetas, charamelas, musicas e danças*. Havia embarcações excentricas com as formas de *trilhões, sereias, golfinhos, baleias, cavallos marinhos*, etc., e em que o capricho e gosto de seus possuidores se estadeava exuberantemente, pondo nas festas uma nota simultaneamente bella e pittoresca! O Rei seguido da sua luzida comitiva desembarcou n'um caes expressamente feito para este fim na *Praça do Paço*. Tinha em redor 26 pedestaes; sobre 6 d'estes assentavam estatuas de tambau natural feitas de cera branca, imitando marmore, representando uma d'ellas *Lisboa* e as outras respectivamente *o zelo, verdade, fidelidade, amor e obediencia*. Era curiosissimo o que cada uma das figuras tentava exprimir.

Lisboa estava de braços abertos para receber seu hospede; o *zelo* tinha n'uma dos mãos um globo terrestre e na outra uma aza; a *verdade* mirava-se a um espelho; a *fidelidade* sustentava entre as mãos um prato cheio de corações como querendo offerecel-os á Magestade; finalmente o *amor* tinha na mão um molho de dormideiras e uma lingua de fogo... Singular maneira esta de tranquillisar o chefe supremo do paiz dando-lhe a entender que mesmo a dormir podia goveral-o, porque o amor, symbolisada a sua fé na lingua de fogo, velaria o seu Rei. A' direita do caes de desembarque saltava aos olhos do espectador o edificio da Alfandega onde o *celho e novo* mundo despejavam tanta preciosidade, cujos direitos em alguns annos chegaram a exceder a enorme somma de 500.000 cruzados!

Filippe II ao desembarcar foi saudado por *toda a nobreza* vestindo riquissimos trajos recamados de ouro e pedras preciosas: *pela camara*, cujo presidente João Furtado de Mendonça, com as chaves da cidade, e os 4 vereadores do Desembarque da Casa da Supplicação, empunhavam varas douradas *restindo garnachas de*



Arco dos flamengos

velim preto guarnecidas de passamanes de prata e ouro e forradas de branco e negro (côres da cidade) calças com forros de tela, roupetas de bello setim preto onde bruhavam ricos botões de diamantes de que tambem se compunham as cadeias das gorras.

Seguidamente o estribeiro-mór deu o cavallo a El-Rei queo montou garbosamente, conservando-se assim emquanto recebeu os cumprimentos, findos os quaes se apeou, sendo então o cavallo conduzido á redea por D. Garcia de Castro, que substitua o alcaide-mór de Lisboa.

O vestido do soberano *era de seda negra, calças, roupa e ferragoulo guarnecido, botões de ouro, chapu de tafetá com cintilho de diamantes; plumas pretas, botas com calcetas, espada e esporas douradas.* A frente do cortejo, após os *procuradores da cidade* que serviam de guias, seguiam *muitas danças de regateiras vestidas de sedas, cadeus de ouro e joias, levando arcos cobertos de flôres e fructas de cera.* Iam depois 8 *moceros de prata, os reis de armas, arautos e passavantes a cavallo.* Caminhavam seguidamente os *Ministros da Justiça da Côte, os fidalgos, alcaides-môres, conselheiros e senhores de terras.* A estes succediam respectivamente os *officiaes-môres de canas, os Condes, os 3 Marquezes de Ferreira, de Alenquer e de Castel-Rodrigo* e allim o *Conde de Portalegre* que, como *Mordomo-mór,* seguia logo á frente do Rei.

Acompanhavam o cortejo as *guardas hespanhola e allema.* A multidão que compunha o sequito ia toda a pé e descoberta, e tão extenso era o cortejo que ainda o Rei estava proximo do caes já as primeiras pessoas d'elle chegavam á Sé!

Filippe II passou por debaixo do arco que os homens de negocio erigiram, atravessando vagarosamente uma rua commemorativa, em que se estadeavam as figuras dos heroes das nossas conquistas. Atraz de El-Rei, que *caminha-*



Arco dos italianos



Arco dos ourives e lapidarios

va sob o pallio, seguia um coche guarnecido de tela de ouro, bordada, conduzindo o Principe vestido de verde, bohemio, calças e coura com bordadas a prata e ouro. No chapu um cintilho e uma rosa de diamantes de grande valor; plumas verdes e brancas com martinetes, calcetas, botas negras, esporas e espada douradas. A infanta vestia tabi azul ricamente bordada.

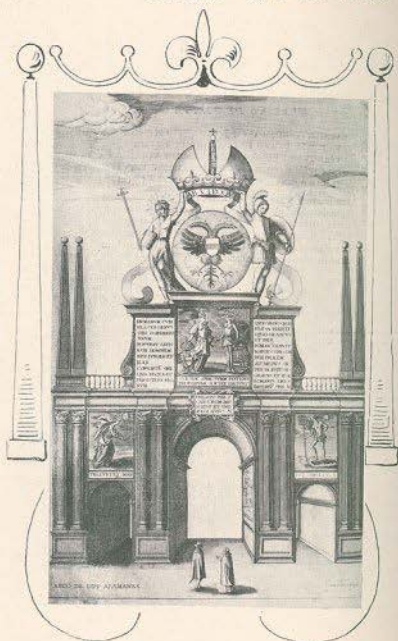
O Rei hespanhol foi passando sob os diferentes arcos que se armaram em Lisboa em numero de 17, todos elles do mais requintado gosto, salientando-se porém, pela sua significação e valor, aquelle que os prateiros ergueram na *Rua da Prataria.* Era uma arvore elegantissima com o tronco de madeira prateada e os ramos e folhas de fina prata laurada. Junto á raiz via-se em tamanho natural a figura de Alfonso Henriques, assentando pela ordem de successão, nos outros troncos, os monarchas portuguezes até Filippe I, que occupava o comoro da arvore.

Passando pela Sé, foi o Rei recebido n'este templo com as horas correspondentes á sua alta cathedra, depois do que se dirigiu ao Paço onde entrou já de noite.

Nos dias que se seguraram recebeu El-Rei os cumprimentos de varias personalidades. A's refeições régias era consentido que assistissem os fidalgos da casa real, conservando-se junto ás mesas, de joelhos, os moços fidalgos com quem D. Filippe II distribuia os doces que lhe eram servidos. Como era costume, celebraram se côrtes (no dia 14 de julho) para o effeito do juramento do Principe herdeiro, em que mencionarei o trajo que envergava o Rei—*calças e coura de tafetá branco, com guarnições de ouro, jubão e forros das calças de riquissima tela de ouro e prata; em cima uma opa roçagante de tela de ouro com flôres grandes, forrada d'un veu de prata, tambem bordado a*



Arco dos pintores



Arco dos allemães

florês; a opa era guarnecida com um passamane de ouro e prata; as mangas de ponta, a fralda grande; espada dourada, com bainha, talabartes e sapatos de velluto branco; gorra adereçada com perolas e diamantes, pluma do mesmo com martinetes brancos e na mão um sceptro d'ouro.

Fechando o cyclo de todos estes festejos os jesuitas fizeram representar uma tragi-comedia no seu collegio de Santo Antão, nas tardes de 21 e 22 de agosto, em que a sumptuosidade das ornamentações era verdadeiramente extraordinaria. Os interpretes da peça ostentavam preciosos brocados e telas marchetadas de pedras preciosas! Figuras havia coustelladas com mais de mil diamantes de enorme grandeza, outras tantas perolas, 200 rubis e muitas mais joias de preço. Filippe II demorou-se em Lisboa tres me-

zes certos, por isso que a 29 de setembro de 1619 abandonava a capital.

Passados 21 annos a nação portugueza despertava do adormecimento em que havia cahido e varrendo da sua memoria a evocação do carinho que poz n'estas festas saudou altivamente o dominio estrangeiro, partindo de vez as algemas que durante sessenta annos opprimiram os seus filhos que, até ao alvorecer da sua independencia de 1640, estavam reduzidos á estúpida e dementada irrisão «dentro da patria e sem patria!»

Archivo da Torre do Tombo.

FRANCISCO NOGUEIRA DE BRITO.



Retrato de Filippe II

A CERAMICA PORTUGUEZA



Medalhão representando Santas Justa e Rufina.
Desenho de José Queiroz e modelação de Simões d'Almeida, sobrinho

EM outubro de 1882, ha quasi vinte e cinco annos, inaugurou-se no Porto a primeira exposição de ceramica nacional, apesar do sorriso dos incredulos, que, até á ultima hora, sublinhavam, com epigrammas, as pretensões de alguns socios da Sociedade de Instrução do Porto, que até a olaria popular haviam convidado para a festa! Até essa... Uma exposição de pucaros, panelhas e fogareiros; um amontoado de sacos populares, lembrando o caldo de unto e a assadeira de castanhas.

Os vaticínios dos incredulos sofreram um desmentido energico em toda a linha. Reconheceu-se pela primeira vez, em publico certamen, que a arte popular tinha uma esthetica propria e que a tradição da officina portueza se mantivera durante seculos, apesar da ausencia de toda a protecção official e do abandono das classes dirigentes. Provou-se, por outro lado, que a ceramica nacional se aperfeiçoára gradualmente, á sombra do amparo das classes remediadas; que, chegando a produzir uma faiança superior, excepcional, não se esquecerera de fabricar tambem, em grande escala, todo o vasilhame necessario para guarnecer a casa burgueza, libertando-a de um tributo oneroso, pago á industria estrangeira. Essa faiança tinha tambem a sua historia; espalhára-se, sabindo de numerosas fabricas notaveis, por todo o paiz; não estivera concentrada n'uma unica officina da capital, que, até ali, absorvera a lendaria fama da ceramica portueza. Ao lado das peças da Fabrica Real do Rato, appareceram, em 1882, os productos de duas duzias de fabricas

das provincias, algumas até mais antigas do que a officina central. Surgiram, finalmente, artefactos valiosos, nacionaes, do seculo XVII, uns datados, outros sem data, mas com todos os caracteres authenticos do fabrico portuezo. Provou-se que essas peças de serviço familiar foram usadas durante todo o seculo XVII e que não era difficil determinar os typos que marcam a transição para o seculo immediato.

Estando na mesma exposição de 1882 documentada toda a historia do azulejo nacional, desde os fins do seculo XV até ao termo do seculo XVIII (grande collecção Nepomuceno, exposta pela primeira vez), era da maior importancia poder provar-se que a producção do vasilhame acompanhára a do azulejo, não havendo soluçõ de continuidade. E provou-se isso. Custa a acreditar como peças pertencentes evidentemente ao primeiro terço do seculo XVII puderam ser attribuidas (até á exposiçõ de 1882) a Vandelli e seus imitadores dos fins do seculo XVIII. Mas a confusõ era, então, quasi geral. Corrigiu-se isso tambem. Passados bastantes annos, a descoberta do sr. António Augusto Gonçalves, de Coimbra, com a peça preciosa de 1558, veio demonstrar que a historia do vasilhame artistico não ficava circumscripta ao seculo XVII. Os productos ceramicos (sendo alguns bem notaveis), que vemos nos quadros da escola portueza, pintados desde 1500, e que representam tanto a olaria popular (simples vasilhame



Prato de faiança com decorações polychromas, pertencente ao ultimo terço do seculo XVIII e attribuido a Darque (Vianna do Castello)—Collecção do sr. José Queiroz

de barro vermelho, não vidrado) como a faiança superior, esmaltada e pintada, davam-nos o direito de supôr um fabrico nacional, esmerado, na primeira metade do seculo XVI. Porém mais vale essa peça de 1558 do que todas as provas *pintadas* em taboas arcaicas.

Os trabalhos de investigação historica continuaram activamente nos ultimos vinte annos. De um lado, as exposições provinciaes (Coimbra, Aveiro, Vianna), do outro lado, a criação de importantes collecções particulares, forneceram preciosos materiaes para novos estudos, a ponto de surgir agora o magnifico volume do sr. José Queiroz.

E' caso para nos congratularmos todos, especialistas, amadores, colleccionadores entusiastas e modestos antiquarios. Todos temos alli que aprender, porque o auctor não se limitou a compilar, a reunir os resultados apurados anteriormente, mas teve o cuidado de joear, escolher o melhor nas

cados nossos. Não só construir de novo, mas, ainda por cima, desfazer o que está feito, e tem, lá fóra, ainda, o valor de um oraculo!

Que outros imitem o exemplo do sr. Queiroz! Que os eruditos da provincia, alguns dos quaes já provaram o seu saber em estudos valiosos, façam, para Coim-



Retrato de José Queiroz

(Cliché das Officinas photographicas)

primeiras collecções do paiz, de completar com documentos indiscutíveis—pelo exame cuidadoso em milhares de peças—as lacunas que os antecessores deixaram em aberto.

Segundo, é certo, um itinerario já traçado nas suas linhas geraes, como o auctor honestamente confessa, conseguiu dar-nos agora, em vez de esboçtos, um quadro, um quasi panorama, que abrange todo o paiz, de norte a sul. Pelo que respeita á historia da faiança de médio e grande fabrico, sobretudo á produção das officinas de Lisboa e arredores—os resultados apurados pelo sr. Queiroz parecem-me definitivos, em geral. Se fossemos a discutir casos e problemas particulares, n'um trabalho de tanta valia, que, sem preoccupações de campanario, procura sempre fazer justiça a todos—seriamos ingratos. O que importa agora é render-lhe o tributo de merecida homenagem, porque bem podemos, por experiencia propria, avaliar a somma de sacrificios, as anceiras, as duvidas cruéis, as solicitações infundáveis, a paciencia, a tenacidade que são necessarias para forjar de novo qualquer elo da emmaranhada cadeia a que Raczyński prendeu a historia da arte nacional, por pec-

bra, Aveiro, Porto, Vianna, etc., o mesmo seguro trabalho que o sr. Queiroz dedicou á industria de Lisboa e seus arredores. E, para esse fim, abriu elle no precioso volume, outros tantos capitulos, que encerram muitos elementos novos. Ficou em plano secundario, um tanto apagado, a historia da olaria popular; mas já o sr. Rocha Peixoto deu um passo importante n'esse dominio, tão fecundo e inexplorado.

A disposição geral da obra é a seguinte:

Depois de um esboço historico—Parte I: *A Ceramica em Portugal*, onde são apreciadas as correntes artisticas que influíram na produção nacional, predominando os motivos orientaes, assimilados com talento incontestavel, passa o auctor ao estudo da produção das fabricas do seculo XVIII, Lisboa, Porto, Coimbra, Caldas, Aveiro, Vianna do Castello, etc., que enchem a Parte II. Anteriormente ao seculo XVIII, não ha fabricas, no sentido moderno do termo. No seculo XVII, poderemos apenas fallar em officinas de oleiros; e são os productos d'estes que figuram na Parte I. Ficam liquidadas, a meu vêr, as duvidas que ainda poderiam subsistir a respeito da



Atelier do sr. José Queiroz

prioridade da nossa faiança, comparada com os productos hollandezes de Delft. Fallando durante a exposição de 1882, varias vezes, com o sr. Oswald Crawford, então consul de Inglaterra no Porto, e colleccionador de ceramica antiga, expliquei-lhe, perante as peças características da primeira metade do seculo XVII e algumas authenticas de Delft, as differenças fundamentais que separam as duas familias, a portugueza e a hollandeza; que a nossa tinha a precedencia de 50 a 70 annos, pelo menos, quanto ao vasilhame (o azulejo nem discussão admittia); que os motivos decorativos que ambas as familias foram buscar ao Oriente haviam sido assimilados

escolha. E' um regalo para a vista e deve ser uma verdadeira revelação para nacionaes e estrangeiros: cêca de duzentas gravuras e 547 monogrammas, além de uma série de signaes e datas soltas, de character particular. Em 1882, tirou a photographia Biel & C.^a, do Porto, a instancias nossas, cêca de setenta clichês das melhores peças antigas da exposição de ceramica, incluindo toda a olaria popular; infelizmente, não foi possível reunir assignantes para custear um album especial, que haveria sido o melhor commentario aos estudos que, então e em 1884, publiqui. O photographo vendeu, porém, bastantes folhas avulsamente. A est. de pag. 190, com 22 pe-



Armario de louças portuguezas—(Collecção do sr. José Queiroz)

pelos nossos oleiros-pintores de modo mui diverso.

Bastava reparar nos motivos da fauna e da flora, contornados a *côr de vinho* (termo que introduzi em 1882), *côr estranha*, que nunca se viu em Delft — e analysar com attenção os assumptos eroticos! Não pôde negar-se que os nossos rivaes apresentaram, na segunda metade do seculo XVII, peças superiores, quanto á massa ceramica e á correcção do desenho, mas, no azulejo, nunca egualaram os melhores artistas portuguezes, por exemplo os Oliveiras. O consul inglez aproveitou a minha demonstração, n'uns estudos que inseriu na celebre revista *Quarterly Review*, sem indicar o nome do informador. Não procedeu assim o especialista allemão, sr. professor Jaenicke, que, havendo pedido e obtido os meus estudos sobre ceramica nacional, reconheceu (e, depois d'elle, outros auctores allemães) o valor da demonstração e confessou a quem a devia.

Faltava, porém, em qualquer dos meus trabalhos, o material illustrativo que o sr. Queiroz agora offerece, com a maior opulencia e superior criterio na

ças de louça de Estremoz, representa uma das reproduções de Biel, e dá clara ideia da escolha, da variedade e da riqueza de fórmas dos grupos populares, que nunca mais foram convocados a uma exposição publica.

Nas secções restantes, trata o sr. Queiroz dos azulejos, dos trabalhos dos esculptores-barristas, e da obra de tijolo, applicada á architectura (Parte III a V). Apparece depois o importantissimo dictionario das *marcas*, d'ora avante guia indispensavel de todo aquelle que deseje entrar a fundo no estudo da ceramica portugueza. Merece louvor incondicional esta secção, que attesta eloquentemente o rigoroso methodo de trabalho e a probidade scientifica do auctor. Fecha a obra uma relação dos *ceramistas*, isto é, de nomes de fundadores, proprietarios, pintores, decoradores, etc., de fabricas portuguezas, esculptores-barristas e amadores ceramistas. A cada nome figura as respectivas numerações das *marcas*. E' pena que não incluísse tambem a referencia ás paginas do texto. Notámos a falta de um indice das



Outro aspecto do atelier do sr. Jose Queiroz

estampas e a ausencia de uma *bibliographia* completa. São já importantes e numerosas as obras que tratam dos variados ramos da ceramica portugueza; mas muito pouco conhecidas, infelizmente: mais uma razão que aconselhava a factura de um bom indice bibliographic. No texto, menciona o sr. Queiroz algumas publicações, de passagem, resumindo os respectivos titulos. A lista completa seria uma surpresa para muitos leitores e poderia attingir uns vinte e cinco numeros.

Não devemos concluir sem chamar a attenção do leitor para outra feição do talento artistico do sr. José Queiroz. Em Lisboa, são bem conhecidas e justamente apreciadas as suas raras qualidades de artista-decorador, provadas em numerosos trabalhos particulares. Esta sua feição, tão attrahente e tão

sympathica, por ser modesta, e permanecer um tanto occulta nos aposentos das melhores familias da capital, que prezam e protegem, sem ostentação, as boas tradições da arte portugueza—não escapará ao leitor attento. Todo o volume da *Ceramica Portuguesa* está vestido e adornado com um gosto tão discreto e um sentimento tão apurado da forma, que me parecia omissão imperdoavel encerrar este rapido esboço sem saudar, de longe, tambem, o lapis imaginoso do inventor, que entrou em boa hora na officina typographica portugueza, para a nobilitar, assim como já antes entrára em outras officinas, em boa e leal camaradagem com o artifice portuguez.

Porto, 29 de abril.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.



Piscina de faiança da fabrica do Rato, 1770 (Collecção do sr. José Queiroz,—(Clôvis de Benoliel)

O PRIMEIRO DE MAIO



A mesa do comício e alguns oradores. Em pé os srs. Azedo Gnecco e Fernandes Alves—O auditorio

O operariado de Lisboa, que desistiu nos últimos annos de realizar o cortejo do primeiro de maio, não deixou, contudo, de celebrar o dia santo dos trabalhadores internacionaes, com a romaria piedosa ao tumulo de José Fontana e com um comício em que varios oradores pugnaram pelo

estabelecimento das oito horas de trabalho e pela conquista de outras reivindicações sociaes.

As illustrações que damos em seguida representam varios aspectos do comício, que se realisou no antigo recinto do theatro do Rato, e foi medianamente concorrido.



A assistência em volta da mesa

O discurso do sr. Fernandes Alves

O sr. Azevedo Gnecco falando

Os jornalistas e reporters no comício

(Clichés de Benoitel)

Fala o sr. João Graça



AS INSCRIÇÕES INDIANAS DE CINTRA

Na quinta da Penha Verde, de Cintra, que pertenceu a D. João de Castro, existem duas estêlas ou lapides de pedra com inscrições orientaes de alto valor historico hoje reconhecido, mas cuja existencia em geral se ignora no paiz.

No livro *Cintra Pinturesca*, publicado anonymo em 1838, mas que se sabe ter sido escripto pelo viscon de de Juromenha, e que é uma das poucas obras

portuguezas em que se fala das duas pedras da Penha Verde, diz-se que ellas são «tropheus alcançados na India por D. João de Castro e d'ella por elle importados.» E' isto o que realmente parece ser mais curial; mas a verdade, comtudo, é que a origem d'esses monumentos epigraphicos não está, por ora, bem esclarecida, havendo a seu respeito outras versões, que, em todo o caso, não offerecem melhor base de prova. Uma das duas pedras suppõe-se ter pertencido ao pagode do Elephante, citado pelos nossos antigos chronistas, e que é um antigo templo brahmanico escavado profundamente em rocha, cujas ruinas curiosissimas ainda existem actualmente na ilha de Pori, situada no porto de Bombaim. Diz, porém, Diogo do Couto, que a ella se refere nas *Decadas*, que foi mandada pelo governador Nuno da Cunha a D. João III e que o rei se esforçara bastante por saber o que diziam as lettras, sem que se encontrasse quem as lêsse, sendo preciso, portanto, forjar hypotheses mais ou menos logicas para explicar a sua apparição na quinta da Penha Verde.

≠ Não interessa, comtudo, maiormente, verdade seja, conhecer como vieram as pedras da India para a propriedade tão estimada de D. João de Castro, aonde elle se recolhia «a philosophar já depois de ser de quarenta annos.» De preferencia se quererá saber o que dizem as inscrições que ellas teem gravadas, para apprehender, por esse meio, a significação de tão curiosos monumentos. Mas, durante muitos annos, até ha bem poucos mesmo, não se tinham lido ainda com segurança essas legendas, e hoje a de uma das pedras de Cintra resta por traduzir, conhecendo-se apenas o texto da outra.

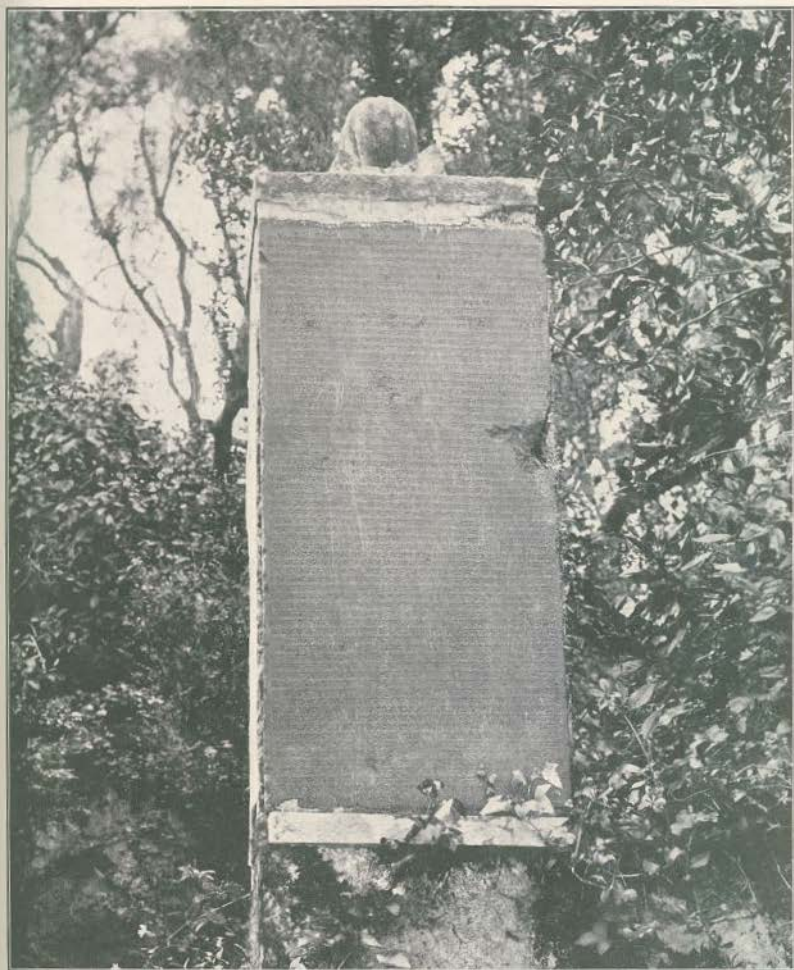
Murphy, o illustre architecto inglez que viajou em Portugal nos fins do seculo XVIII, foi quem copiou primeiro uma das inscrições orientaes de Cintra, dando o respectivo decalque para traduzir ao sanscritólogo Wilkins. A sua leitura defeituosa encontra-se vulgarizada em mais de um livro portuguez. Outras versões posteriores, de Burgess e do dr. Bühler, não são igualmente perfectas e são, além d'isso, quasi desconhecidas em Portugal. Hoje temos, porém, uma transcrição portugueza completa, que se deve aos esforços dedicados do sr. Herculano de Moura. Quando governador de Diu, este distincto archeologo encontrou ali um lrahmane letrado, um *paundita* autentico e afamado, capaz e competente para



1.º tenente da armada João Herculano de Moura (Cliché, Arnaldo Fonseca)

ler e interpretar os caracteres devanagricos da inscripção duvidosa. Não sabia, porém, o pandita Hirgy Ramgyo portuguez, nem o sr. Herculano de

A inscripção da pedra maior de Cintra é um *prásasti* ou panegyrico escripto em *shokas* (versos) com uma conclusão em prosa. Não é esta, com certeza,



O *prásasti* de Somnath-Patane, trazido de Catiavar para a quinta da Penha Verde. É a inscripção que foi recentemente traduzida pelo sr. Herculano de Moura.

Moura o guzerathe; de modo que sobre a primeira traducção realisou outra, para a nossa lingua, como a sabia, o brahmane Siveílal Emotrano. Esta versão grosseira foi depois aperfeiçoada e posta em portuguez corrente, constituindo hoje a leitura mais segura e a primeira completa que temos.

a lapide arrancada ao pagode do Elephante. Esta refere-se claramente á construcção de templos em Somnath-Patane, e dos cinco pagodes construídos é ao de Tripurantaka que se reporta em especial. Começa por uma pequena saudação a Çiva, no estylo corrente do hindu. Segue-se a genealogia dos reis da

dynastia dos Chaulukyas de Guzerathe até Sârangdêva, e a do auctor das construcções celebradas na lapide, que é Cartikrashi, o qual não passa de

feira, quinto dia da primeira quinzena do mez de Magh de 1343 de Vickram-Samvât, que corresponde a 20 de janeiro de 1287 A. D.



A estêla suposta do pagode do Elephante, existente em Cintra e ainda não interpretada

uma encarnação de Tripurantaka, representando este nome, por sua vez, uma das encarnações de Çiva. Depois descreve-se uma peregrinação de Cartikrashi com Valmikirashi a varios templos. O *prâsasti* termina enumerando os meritos do fundador dos templos de Somnath-Patane, e tem a data de «segunda-

A outra lapide mais pequena é que deve ser, pois, naturalmente, a que foi tirada do pagode do Elephante. Essa, porém, ainda não foi lida, e é a sua primeira photographia a que a *Illustração Portuguesa* publica hoje. Tem baixos relevos que representam a Trimenty indiana.



Grupo de vacas holandesas em frente do palácio

Nos prados. Srs. Miranda do Valle, Julio Pimenta Rodrigues, professor Sabino de Sousa, professor Paula Nogueira Srs. Miranda do Valle, professor Antunes Pinto, D. Manuel Sobral, professor Sabino de Sousa, professor Paula Nogueira, professor D. Luiz de Castro, conselheiro Alfredo da Cruz, conselheiro professor Oliveira Feijão, Eduardo Placido (o notavel agricultor)



Um pernalta animal



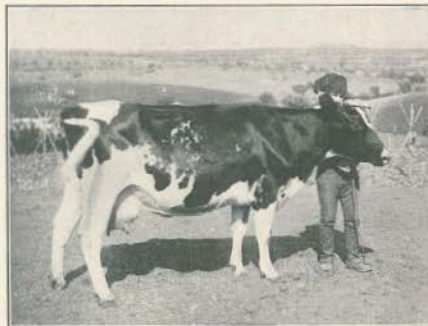
Professores Paula Nogueira e Sabino de Sousa examinam os prados

As vaccas desfilam em frente do palácio

No Casal do Falcão realizou-se no dia 2 de maio uma festa oferecida pelo seu proprietário a varios agricultores e pessoas das suas relações,

guindo depois para as casas destinadas ao fabrico da manteiga.

O proprietario da formosissima vivenda ofereceu



Vacca : alestina, um dos melhores exemplares que visitaram primeiro todas as dependencias da quinta, demorando-se nos estabulos onde se viam lindissimos exemplares de vaccas hollandezas, e se-



Touro Hercules II

um almoço a todos os seus convidados, findo o qual fez-se um desfile de todo o gado em frente das janelas do palácio.



O touro Hercules II, idade ar mezes

(Chiclé de Benabé)

A SOCIEDADE SILVA PORTO No SALÃO DA "ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA."



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

S. M. a Rainha, El-Rei, o senhor Infante D. Affonso
e o sr. conde de Penha Garcia
junto da *maquette* do monumento a Silva Porto,
no salão da *Illustração Portuguesa*

A setima exposição da *Sociedade Silva Porto*, agora realisada na sala de festas da *Illustração Portuguesa*, é, sem favor, a melhor da sua serie e constitue uma demonstração flagrante da elevada utilidade dos intuitos d'aquelle benemerito gremio artistico. Sob a egide prestigiosa do nome do saudoso mestre, a *Sociedade Silva Porto* organisou-se com o fim de desenvolver o ensino da pintura de paisagem, facultando, aos alumnos da aula respectiva na Escola de Bellas Artes, excursões de estudo ao campo, e o proveito e o valor dos resul-

tados alcançados estão patentes na actual exposição de um modo bem claro.

Depois de visitar a exposição d'este anno não ha duvida de que se fica com a absoluta convicção do beneficio da obra emprehendida, e ainda com a esperança enraizada firmemente de se estar fazendo na nossa arte um esforço entusiastico de renascimento, que poderá trazer-lhe uma nova epoca de lustre. E não só a impressão de conjunto que se colhe é extremamente lisongeira, como tambem quasi todas as telas expostas offerecem mais moti-

vos proprios de interesse e dão testemunho de evidente progresso nos seus auctores.

A exposição comprehende 85 quadros, assignados, pela ordem do catalogo, pelos srs. José de Sousa Ferreira Campas, Arthur Alves Cardoso, João de Mello Falcão Trigoso e Antonio Manuel da Saude. São quatro nomes de novos, mas nenhum d'elles deixa de ter já merecida cotação, justamente adquirida pelas anteriores manifestações do seu indiscutivel merito, no nosso mundo artistico. Em louvor de cada um d'elles avulta, até, e esta foi uma das primeiras impressões que todos os visitantes da sala da *Illustração Portuguesa* receberam, a independencia pessoal que cada um sabe manter e conservar, quer na interpretação da natureza, quer no seu feito de pintar. Ao distincto e conscienciosissimo artista que é Carlos



dos Reis, seu professor, se deve inicialmente este benemerito serviço prestado à arte. Ensinou, com a competência e o rigor que elle pôe em ensinar, a technica, tudo quanto da bella e harmoniosa esthetica da paizagem cabe a um bom mestre ensinar; mas teve o maximo escrupulo em não abafar, em nenhum, as espontaneas tendencias individuais, os prodomos de uma maneira propria, sua, que, embora denunciando-se naturalmente incertos de começo, não eram, por isso, signaes menos expressivos de vocações nascentes, porventura destinadas a um amplo e largo futuro glorioso.

Em Silva Porto, cujo nome piedosamente constitue ainda o palladio d'este grupo de artistas novos,

Srs. Costa Motta (sobrinho), Carlos Reis, Antonio Saude e José Campas—Barcos na maré baixa (Bahia de Lagos), de João Trigoso—Sobreiras ao sol (Lameiras, Valles), de José Campas—Molinhos (Pernes), de Saude



Nascer da lua, de Cardoso



Pernes (margens do Alviella), de Saúda

nas suas amáveis paizagens da Estremadura e do Minho, todas cheias de uma candura enternecida, evocadora de tanta coisa que é uma exalação espiritual da natureza só para os que verdadeiramente a amam e compreendem, n'esse pintor de estranho sentimento e nas suas telas de concepção ideal sem prejuizo da reprodução fiel da paizagem rural, o que havia decerto mais nobre e bello era a sua feição absolutamente pessoal, o grande merecimento que o artista possuia de não se parecer com ninguém, o grande valor de originalidade propria que a sua obra apresentava. Tal foi a melhor lição do mestre, o supremo exemplo por elle deixado. Tal parece igualmente ter sido o ensino especialmente preleccionado pelo professor Carlos Reis aos seus discipulos, e, dentro das posses de cada um, vê-se, com prazer, que os quatro moços pintores que concorreram á ultima exposição se esforçaram por cumprir o

conselho salutar. Cada um sentiu conforme o seu temperamento pessoal, e procurou realisar, sem qualquer preocupação exterior á sua propria psychologia, aquillo que sentiu.

O mesmo canto de bosque, por exemplo, com as mesmas arvores e o mesmo solo humoso, no mesmo silencio religioso do entardecer ou na mesma alacridade da manhã que nasce, póde differir, nos quadros de dois pintores, de modo a não se assemelhar sequer. Estão no mesmo sitio as velhas arvores, tem a mesma extensão o tapete das folhas caídas, tudo será perfeitamente igual na pormenorisação do trecho florestal, e, comtudo, uma indefinível differença, que é um sonho alado nas côres do poente ou da luz matinal, qualquer imaginaria impressão especial dada pelas nodosidades dos troncos,—seja o que fór, enfim,—torna como estranhas uma á outra essas duas telas irmãs.



Pisão de José de Jesus (barranco dos Pisões, Serra de Monchique), de João Trigo

Na exposição actual, o que de mais interessante nos parece sobrelevar, o que cremos valorisa mais o seu conjunto, é, pois, a exuberancia de qualidades pessoas que em todos os quadros se accentua, a feição própria que cada um dos seus auctores mantém.

O sr. José Campas é o mais novo dos quatro expozições, cursando ainda o 8.º anno da Escola; mas é um braço infatigavel, apresentando só á sua parte 25 quadros, e um talento que se affirma de

um gracioso alvorecer, cheio de poesia; os *Pinheiros ao pôr do sol*; um encantador *Canto de bosque*; a *Procissão*, uma graciosissima mancha; e outros que seria difficil seleccionar na serie, toda valiosa.

O sr. João Trigo é o pintor de uma região admiravel, o Algarve, que tem sido muito pouco explorada. Na terra, como nos homens, resta ali alguma coisa ainda dos arabes. As paizagens algarvias, que o sr. Trigo nos apresenta, e em primeiro logar as suas marinhas, sobretudo, são, por isso, quadros de



Barranco dos Pisões (Monchique), de João Trigo

uma fôrma indiscutivelmente progressiva. As suas casas portuguezas em Paio Mendes ou n'uma rua de Thomar são verdadeiramente interessantes e pittorescas. No seu quadro *Sobreiras ao sol*, o tom do tronco do sobreiro descascado é um incontestavel achado. Na sua *Manhã de Fevereiro*, a impressão da invernia é de uma nitidez perfeita. O *Romper do dia* é, igualmente, uma bella tela. Ou muito nos enganamos na nossa previsão, seduzidos pela aurora de talento que tão juvenilmente desponta, e tão bella se desabotã em fructos opimos sem que nos lembremos sequer de lhes ter visto antes a flôr, ou todos os quadros do sr. José Campas são a promessa, que não fallará, de um verdadeiro artista, que no futuro havemos de applaudir com a fé dos sinceros enthusiasmos.

Do sr. Arthur Cardoso, que está actualmente estudando em Paris como pensionista do Estado, ha n'esta exposição alguns quadros de subido merito, entre os quaes bastaria citar o *Nascer da lua*, pertencente a Sua Magestade El-Rei; a *Manhã*, que é



Amendoiras floridas (Lagos), de João Trigo

preciosa belleza. Os trechos da serra de Monchique, em que destaca a grande tela do *Pisào do José de Jesus*, com a sua vegetação vigorosa, d'uma pujança quasi tropical, mas do verde caracteristico do extremo sul do paiz, delicia a vista; os seus delicados quadros de amendoiras na epoca da florescencia dão uma impressão commovente da ternura dos campos virgilianos. Os quadros de Lagos, com barcos e aspectos da bahia, e, sobre todos, *O nascer de um dia*, são trabalhos de execução primorosa, reveladores de um verdadeiro artista.

O sr. Antonio Saude, além da grande tela *Manhã*, de um innegavel folego, apresenta varios outros quadros de menores dimensões, entre os quaes devem destacar-se a *Rua José Maria* (Chão da Serra), o *Zé da Monica* e os *Moinhos* (Pernes). Este artista, cuja reputação principia a estabelecer-se por fôrma definitiva, continúa a manifestar qualidades superiores de colorista e a dar prova de uma aptidão que ha de brilhar mais tarde com intenso realce.



Poente, de Cardoso



Casal do Roque (Ferreira do Zezere), de Saude
(Clichés de Benóiz)

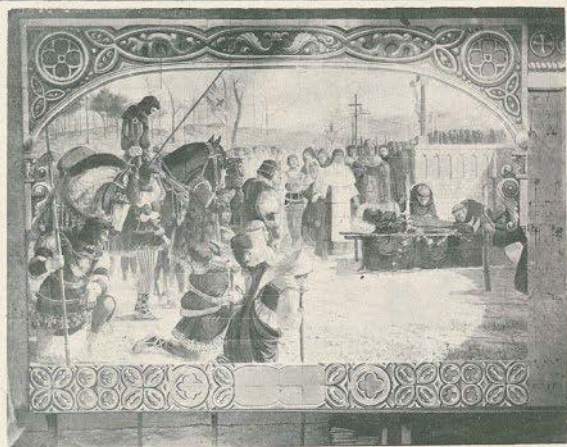
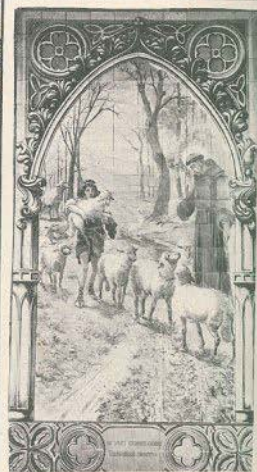


·VIDA MILITAR·
·UMA REVISTA DE·
·BRIGADA NO HIPPODROMO·



A vontade: Um pastelinho... —N'uma aberta: Um capilé!... —El-Rei, ministro da guerra e generaes de divisão e de brigada passando revista—Cavallaria pela direita—Em ordem de marcha —El-Rei e o seu estado maior assistindo aos exercicios—O addido militar hespanhol—Fogo em massa—Apontar!
(Clichés de Benohiel)

OS AZULEJOS DE
JORGE COLAÇO



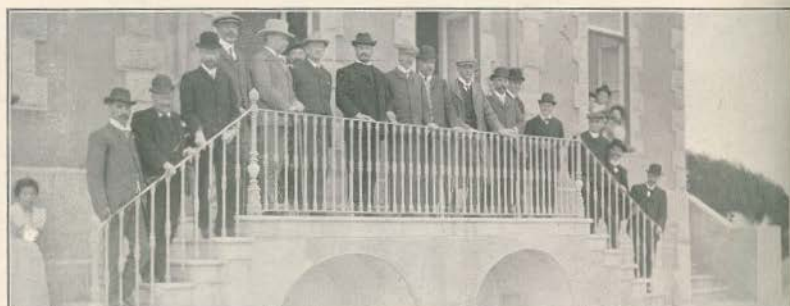
Alguns dos «panneaux» expostos



S. M. a Rainha saindo do atelier de Jorge Colaço

Photographia por Valério dos Santos

♣ ♣ ♣ A esquadra inglesa em Lagos ♣ ♣ ♣



Esquadra inglesa na bahia de Lagos—Vice-almirante Curzon, officiaes inglezes, administrador do concelho, capitão do porto, vice-consul inglez e vereação municipal no terraço do chalet do sr. Marreiros Netto, no dia em que ali foi offercida uma taça de Champagne aos officiaes inglezes—Vista geral da Senhora da Luz e do chalet do sr. Marreiros Netto

[Clichés do amator A. C. dos Santos.]

Livro de ouro da mulher

A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas
Premiado na exposiçãõ de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA
Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,
ITALIA, RUSSIA E HESPAHNA

CENTENARES DE GRAVURAS = LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**, Tomo de 80 paginas **300 réi**

Pedidos
à antiga

CASA BERTRAND 73, R. Garrett, 75
LISBOA

Centenares de gravuras

Chromos lindissimos

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1200 réis o par. Lindos collares de perolas a 12000 réis. Todas estas jóias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

Bicyclettes,

MACHINAS FALANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas



IMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINOW e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyettes. Grande deposito das melhores machinas falantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que ha. Tudo novidades. Variadissimo repertorio de musica e canto das maiores celebridades artisticas.

Preços excepcionaes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catálogos de bicyclettes, motocyettes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32, e 4 o 82 - LISBOA

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

SOCIEDADE DE SOCCORROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: RIO DE JANEIRO
FILIAL EM PORTUGAL

Largo do Camões, 11, 1.^o — LISBOA

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusivê a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

PRESIDENTE: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.*

VICE-PRESIDENTE: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

DIRECTOR CONSULTOR: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torral, *advogado.*

DIRECTOR MEDICO: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

GERENTE: M. A. de Pinho e Silva.

SEGUROS DE VIDA COM SORTEIO SEMESTRAL EM DINHEIRO

Unicamente adoptado pela «EQUITATIVA»

DOTAÇÕES DE CRIANÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apólices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

COM 1.000\$000 REIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto — 20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça — 20291, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa — 20899, José João Telhada, Santarem — 20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça — 20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz — 20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa — 20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima — 20613, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa — 21539, José Antonio Rodrigue, Bombarral — 22050, João Garcia Augusto, Estremoz — 20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha — 21950 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede — 22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas — 21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidos á

FILIAL DA

Equitativa dos Estados Unidos do Brazil

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.^o — LISBOA